A ESCHOLA DO REI EDUARDO.

O EDIFICIO, desenhado na presente estampa, não só é dos mais nobres de Birmingham, como tambem de muita consideração entre os estabelecimentos, que possue a Graã-Bretanha para a gratuita educação da mocidade, pelo systema de ensino e a administração e na qualidade de obra d'architectura, no estylo semi-gothico, em parte civil em parte ecclesiastico, e a que chamam de Tudor. — Dão-lhe o titulo d'eschola do rei Eduardo, porque o fundou o monarcha 6.° deste nome em 1552; todavia está hoje mui differente e ampliado, tendo sido erecto ha sete annos no proprio local do antigo: externamente é de forma quadrangular, com 174 pés ingl. (*) de frente e 25 de lado; dentro faz dois pateos da mesma figura e entre elles e em redondo de cada um estão collocadas as varias partes da construcção. No corpo principal da frontaria as janellas inferiores são de arco achatado ou de angulo obtuso, as superiores, postoque similhantes, tem muita mais elevação: a principal entrada é no repartimento central e consiste n'um portico, traçado de maneira que não quebra a harmonia e continuidade de toda a composição. As salas das aulas e as destinadas a reuniões de professores e de associações e a da livraria são esplendidas; os quartos dos mestres e alumnos internos são commodos e decentes. A *sociedade britannica para o adiantamento da sciencia* aqui tem o local das suas sessões, e o deposito, que patentea, de importantes machinas recem-inventadas, bem como os modelos d'engenhos mechanicos, de instrumentos philosophicos, &c. &c.

O methodo, ultimamente adoptado neste instituto escholastico de Birmingham tem sido bastante elogiado, dizendo-se que — «pelo novo plano agora seguido, alem das instrucções classicas indispensaveis a todos os educandos se ensina tambem a parte prática das sciencias e das artes uteis. Tal fôra sem duvida a tacita intenção de todos os magnificos fundadores de collegios, ainda que no tempo em que viveram fossem aquelles estudos desconhecidos. Ao presente, depois de tomada por base a primeira instrucção religiosa, seguro fundamento em todas as epochas, nenhum systema será bom se excluir o supracitado ensino, e o estudo do mundo natural, obra das mãos da Divindade.« Já esse methodo está em voga no collegio real em Londres, e n'outras partes, d'accordo com as exigencias e necessidades da educação em o nosso seculo.

A eschola de Birmingham bem dotada proggride opulenta, e ramifica-se em outras aulas menores na cidade, duas para meninas e seis para rapazes.

(*) Isto é 241 palmos portuguezes de frente, e $34\frac{5}{10}$ ditos de lado.

A LUZ.

IGNOTA é a natureza da luz, e provavelmente os sabios nunca chegarão a descobri-la. Sobre este assumpto dois systemas propõem hoje os physicos; o da *emissão*, proclamado por Newton, consiste na supposição de que a luz é um fluido em extremo subtil, despedido pelos corpos luminosos com velocidade tal que percorre em 8 minutos e 13″ o espaço que separa do sol o nosso globo (*): esse fluido modifica-se de maneiras diversas, conforme encontra corpos que lhe permittem livre passagem, ou outros que o repellem reflectindo-o. — O outro systema é o das *ondulações*, imaginando por Descartes: não contradiz a existencia da luz, como fluido subtil, mas funda-se na hypothese de que este,

(*) A velocidade da luz é de setenta mil leguas por segundo; a mesma que a do calor. Roemer a descobriu em 1675, examinando os eclipses do primeiro satellite de Jupiter.

especie de *ether*, como lhe chamou o philosopho, está derramado por todo o universo e não manifesta a sua presença senão quando entra em vibrações, e que emfim este movimento lhe é incutido pelos corpos luminosos e se transmitte circularmente, formando uma serie de ondulações como as que produz na agua a queda de uma pedra. — Este segundo systema, ha alguns annos que foi renovado por Mr. Arago e outros, depois de ter sido quasi de todo abandonado: com effeito por elle se explicam os phenomenos como pelo outro; e não contraría o calculo que enunciámos relativamente á velocidade da luz, só se diz, nesta hypothese, que o movimento vibratorio, impresso pelo sol no ether, gasta 8' 13'' para se communicar deste astro até a nossa habitação terrestre.

A principal fonte da luz é incontestavelmente o sol, ao menos para o nosso systema planetar: todavia poucas vezes nos vemos totalmente privados da acção do fluido luminoso, ainda na ausencia do sol, outros planetas e milhões d'estrellas fixas nos enviam luz, os primeiros reflexa, e as segundas propria: deste modo quasi nunca nos achâmos sepultados em obscuridade completa, a não serem circumstancias meteorologicas, por exemplo, quando nuvens condensadas interceptam a passagem ao fluido que nos vem dos astros.

Sabido é que se gera luz todas as vezes que ha combustão, ou se produz fogo: assim, quando se fere lume com fuzil a faisca dá luz: porem o facto mais curioso é que dois bocados de porcelana ou de outra qualquer materia quartzosa (**), roçando-os um por outro rapidamente, dão luz, até dentro d'agua.

Ha corpos que gozam da propriedade de diffundir luz sem causar calor: taes são os que em virtude disso tem o nome grego de *phosphorecentes*, ou *phosphóricos*, como o perylampo ou vaga-lume, a madeira podre saturada d'humidade, o pescado podre &c., que todos produzem na escuridão luz mui viva.

Outra constante verdade é que nós sómente vemos por intermedio da luz; os objectos se nos tornam visiveis, quando reflectem de suas superficies o fluido luminoso e este vem bater no orgão da nossa vista, caso em que os raios reflectidos de todos os pontos da superficie do corpo alumiado vem formar sobre uma membrana nervosa, que forra o fundo de nossos olhos [chamada retina] a imagem perfeitamente clara daquelle corpo.

O sentido do tacto corrige os enganos do orgão visual: é certo que só a experiencia, a qual consiste em repetidos ensaios, póde dar-nos, ao simples aspecto, a idéa da forma dos corpos, e ensinar-nos a rectificar o erro produzido pela distancia, que faz parecer um objecto remoto mais pequeno do que em realidade é. Assim, a imperfeição do sentido da vista occasiona, no acto da visão, grande numero d'erros, a que deram o nome de *illusões d'optica*. Por exemplo, figuram-se-nos os corpos maiores e mais proximos quando estão mais alumiados: se n'uma rua bem direita o ultimo lampião der mais brilhante claridade que os outros, poderemos persuadir-nos que está mais perto de nós: se nos collocarmos á entrada de uma extensa alameda olhando para a extremidade opposta, se nos representará que as arvores se vão unindo, e como que sendo mais pequenas, e o terreno parecerá ir sobindo. Em summa a cada passo se nos offerecem illusões; não é porem este agora o nosso especial assumpto.

A intensidade da luz não é a mesma a respeito dos differentes corpos: são uns mais ou menos luminosos que outros: a differença provem de que os corpos não *projectam* a mesma quantidade de raios, ou de que não são todos dotados de uma força vibratoria igualmente energica; alem disso a luz diminue em intensidade á medida que se afasta dos corpos luminosos, e esta diminuição tem logar na rasão directa do quadrado das distancias. Deve-se tambem observar que a luz propaga-se em *meios* ou espaços, cuja densidade varia, o que influe necessariamente na intensidade da luz: quem deixará de ter feito reparo no pouco esplendor dos corpos luminosos em tempos nevoentos? . . . . . Quando o sol nasce parece menos refulgente o seu disco, podemos olha-lo fitamente; mas é porque então a luz que nos envia, atravessando obliquamente a atmosphera, propaga-se pelo meio de uma camada de ar mais saturada de vapores e por conseguinte mais espessa. Se adoptarmos o systema das ondulações, poderemos dizer que o *ether luminoso* vibra tanto mais lentamente quanto mais densos são os espaços em que se agita.

Se a luz, passando de um meio ou espaço para outro mais denso, chegar perpendicularmente á superficie deste ultimo, continuará a mover-se em linha recta, mas se o raio luminoso bater obliquamente na superficie do meio mais denso se quebrará refracto e desde o seu ponto de immersão se aproximará da perpendicular; ao contrario, se a luz passar de um meio mais denso para outro mais rarefeito tambem se refrangirá, mas em vez de se aproximar da perpendicular se afastará della.

Pelo effeito da refracção da luz é que um páu, um remo, mergulhado obliquamente n'agua, nos perece quebrado no ponto d'immersão: observemos tambem o que succede com o sol: como estamos n'um meio ou espaço mais denso que esse onde está o sol, descobrimos este astro pela manhaã antes que elle esteja sobre o nosso horisonte, e á tarde continuâmos a vê-lo, postoque esteja mettido abaixo do horisonte: a rasão é que os raios que partem da sua superficie se refrangem e inclinam para nós: nessas occasiões contemplâmos o disco do sol sem que nos deslumbre o seu brilho. Tem logar o mesmo effeito com a luz dos outros astros, que nunca se verão no ponto que verdadeiramente occupam todas as vezes que os raios de luz não vierem encaminhados a nós seguindo a linha perpendicular.

É tambem a refracção a causa dos crepusculos, posto que o sol esteja abaixo do horisonte, os raios emanados da sua superficie refrangem-se e inclinam-se para a terra: quanto maior é a densidade da atmosphera, mais energica é a refracção, e tambem mais se prolongam os crepusculos.

[Concluir-se-ha.]

(**) O *quartz* é uma substancia pétrea, branca ou cinzenta, mais ou menos transparente, que se encontra em grandes massas, commum em muitos paizes; e que constitue porções de muitas montanhas: o cristal de roca é uma das mais formosas especies de quartz: a areia commum tambem é casta de quartz, reduzida a grãosinhos de apparencia vitrea.

Innocencia.

Innocencia quer dizer, integridade sem mancha; e é positiva, ou comparativa.

Innocencia positiva, ou completa ausencia de cul-

pa, é qualidade que se não encontra nos habitantes da terra, desde a desobediencia do primeiro homem. Para a possuir fóra necessario pureza de pensamentos, palavras, e obras, e o exacto cumprimento de todos os deveres; porque a negligencia no desempenho de qualquer obrigação é uma falta, e commettê-la é ir d'encontro á innocencia — innocencia pura só a possuem os afortunados habitantes do céu.

Innocencia comparativa ainda poderá existir entre os filhos do homem, posto que com alguma difficuldade; achando-se mais vulgarmente nas classes inferiores da sociedade, do que nas superiores. Quando se encontra innocencia em algum individuo desta ultima classe sóbe de ponto o seu valor na proporção do muito que elle deve ser instigado para a despresar. Os homens dados a fadigas ruraes, que habitam humildes choupanas, e vivem longe das grandes scenas do mundo, e igualmente os que desfructam

.....Dourada mediania
Em placido remanso.....

são menos tentados a peccar contra a innocencia, a qual periga muito mais no mundo dos grandes, aonde o vicio se appresenta com todos os attractivos da maldade encobrindo o seu deforme aspecto para não assustar os que vai accommetter; e aonde, finalmente a lisonja propina tão subtil veneno que até empeçonha ás vezes a mais austera e precatada virtude. E tal é a depravação do coração humano que ainda que a tentação o não instigue, nem por isso está menos isento de paixões e vicios, o que é frequentemente devido á falta de boa e apurada educação. A innocencia rural, tão cantada pelos poetas, e que dá tão extensa margem aos seus themas, está ainda mui longe da innocencia positiva, e só existe em relação á malicia que tão vulgarmente se encontra nos habitantes das grandes cidades.

Porem, já que não podêmos igualar em pureza e perfeição os santos e os anjos que cercam o throno de Deus, é comtudo um dever nosso imitar aquelles celestes dons, quanto seja possivel, em relação á nossa imperfeita natureza; rogando ao Ente Supremo que nos dê forças com que resistâmos aos attractivos do vicio. — Para o conseguirmos será util que nos lembremos: —

Primeiro: que o individuo que voluntariamente procede mal incorre em nota d'ingratidão para com o seu grande e misericordioso Deus e pai, a quem deve a existencia, os bens que no mundo gosa, e as futuras esperanças de alcançar o céu. Deus estabeleceu certas leis para promoverem a nossa felicidade, e não a sua; e quão desagradecido e culpado se não mostra o homem quando despresa estas leis, calcando aos pés os deveres a que está ligado para com Deus!

Segundo. Quanto mais nos approximarmos á innocencia maior somma de venturas lograremos neste mundo, e mais subido será o premio que no outro receberemos. Os que tem vivido longa e prasenteira vida, porem cheia de erros e impurezas, conhecem por experiencia a verdade da maxima: — *O máu não desfructa paz*. No meio dos maiores prazeres, sente elle um vacúo que o rala, e lhe mostra que nada ha que possa causar-lhe verdadeira satisfação. Quando passa o momento de prazer; quando a consciencia está desperta, e que seus brados augmentando as dôres do corpo, diminuem o conceito que o individuo de si mesmo formava, afastando-o da sociedade dos bons, então conhece que seguiu errada trilha, e que se alongou da ventura real, na proporção da distancia em que se collocou da innocencia.

A repressão do desejo de commetter um crime, e a abstinencia de gozos peccaminosos, não constituem o que se chama innocencia comparativa. Ser negativamente virtuoso, não equivale a ser positivamente vicioso; e é ponto controverso se qualquer pessoa nestas circumstancias é menos prejudicial aos interesses da sociedade do que a que reune a alguns vicios summo zelo e actividade no cumprimento dos deveres sociaes. A embriaguez, o habito de jurar falso, e outras infracções das leis divinas, são em si mesmo detestaveis, e expõem o homem que as commette á colera de Deus e á censura da propria consciencia; porem se elle cumpriu para comsigo, e para com sua familia e o mundo em geral, as obrigações respectivas, diremos sempre que apesar de quaesquer vicios que o dominem, é homem mais util e apreciavel do que o ente que se entrega á solidão e inercia: o primeiro faz frente ao inimigo, embora seja algumas vezes desbaratado; o segundo, manifestando cobardia que se não define, é totalmente inutil na sociedade.

Este gráu de comparativa innocencia, requer para se alcançar na terra, que evitemos peccar por pensamentos, palavras, e obras, e tambem que sejâmos diligentes e exactos no cumprimento dos nossos deveres em relação a Deus e ao proximo.

Aguas mortiferas. — Sem fallarmos dos vapôres sulfureos e carbonicos que exhalam muitas aguas, é certo que existem alguns mananciaes impregnados de vapôres que tem por origem o mercurio, ou o arsenico: mas os homens, onde quer que os tem descoberto, entupiram esses laboratorios onde a natureza propina veneno. Alem do que o arsenico, para se poder dissolver, necessita de tamanha porção d'agua fria que corresponda a mil e quinhentas vezes o volume da quantidade que entra em dissolução: esta circumstancia junta á raridade do mineral faz com que sejam mui poucas as fontes venenosas por causa do arsenico.

O estreito lago *d'ansanto*, nas visinhanças de Napoles, encerra aguas crassas e quasi negras: na sua superficie formam-se bolhas, na altura de quasi tres palmos, que estouram semelhando o estampido de trovões distantes. Por baixo das penhas aridas das suas bordas escorre agua denegrida que vai confundir-se com a da lagôa, e acima das vertentes ha muitas fendas, que dão sahida a baforadas ardentes de gaz hydrogenio sulphureo: na margem opposta ha um charco, de continuo agitado pela erupção de grossas bôlhas d'acido carbonico, visiveis a mais de 50 toesas [300 pés] de distancia: chamam-lhe os povos circumvisinhos *coccaio*, o caldeirão. Os vapôres mephiticos que surgem destas aguas são mui nocivos á respiração, sobretudo quando ha correntes d'ar que os transportam condensados; alguns passaros rasteando o vôo á flôr d'agua cahem asphixiados.

Ao oeste do mar d'Azof (*) existe um vasto terreno oblongo de nivel inferior á superficie desse

(*) A *Palus-meotides* dos antigos, que communica com o Mar-Negro, e cujas praias são habitadas por tartaros e circassianos, submettidos á Russia.

*

mar, e com o qual todavia communica por uma estreita abertura; resulta disto que soprando o leste as aguas d'Azof invadem o chão, formando um pantano de mais de cem leguas quadradas; mas quando o vento muda para oeste rijo, as mesmas refluem para o leito anterior descobrindo, n'um espaço de duas leguas de largura, um lodaçal nojento e infecto, cujas exhalações pestiferas se dilatam para alem de Precop: é por este motivo que lhe chamam o mar pútrido.

O QUE FORAM PORTUGUEZES!

1640.

(Pequeno esboço de um quadro grande.)

III.

D. Filippa de Vilhena.

Era chegado o dia 1.° de dezembro: amanhecia. Lisboa que na vespera se havia deixado adormecer socegada e insuspeita, do mesmo modo despertára. Ao vêr como todos os madrugadores jornaleiros iam descançados buscar seu trabalho, ninguem por certo diria o que neste dia devia de acontecer. Tudo seguia seu trilho ordinario. Nada inculcava agitação nem rumor. Nem mesmo corria aquelle surdo vento de tempestade, seguro prognostico dos movimentos populares. Era talvez porque naquelle espantoso dia, para tudo ser milagroso, até nisso houve milagre. O povo que de ordinario é, por assim dizer, passivo agente de todas as revoluções, nesta não foi mais do que o complemento della.

Foram tantas e tamanhas as acções grandes d'aquelle grande dia, que o difficil está em escolher entre ellas, que não é intento nosso commemora-las todas aqui: para isso fôra pouco muitos volumes. Antes porem que passemos ao quadro geral, permitta-nos o leitor que não deixemos em claro uma das mais famosas — d'essas que não deixam logar para termos inveja de romanos e quantos por essas historias pregoam heroicidades.

Entre os fidalgos a quem depois da conferencia em casa do Dr. João Pinto Ribeiro fôra confiado o segredo da revolução dois havia que se pela idade parecia deverem ser excluidos, pelo honrado nome que tinham, e mais pelas provas de lealdade e madureza que já haviam dado em annos mui tenros, se julgou serem tambem dois fortes esteios que á nobre empreza se punham.

Eram estes D. Jeronymo de Attaíde e D. Francisco Coutinho, filhos da condessa d'Atouguia, D. Filippa de Vilhena.

Na idade em que mal se póde manejar uma espada já aquelles dois arbustinhos novos davam mostras de que generosa arvore procediam. — E era sua mãi — sua mãi que os criára com tamanho desvelo, que tanto e tanto os cercára d'amor, que lhes dera o seu leite na infancia e os seus cuidados, sempre era esta mãi, modelo de mãis, a propria que os offerecia em holocausto á patria! Mas ella merecia-o — a gloriosa terra de D. João 1.° e D. Affonso Henriques, ensanguentada presa do leão das Hespanhas, palpitante e moribunda debaixo de seus pés, merecia sacrificio de filhos, quando taes filhos eram!

Ouvi.

São sete horas da manhaã. N'uma sala comprida em que principiam a penetrar os primeiros e frouxos raios do sol de dezembro damos com uma nobre matrona, formosa ainda — em toda a magestade da formosura. Olhai: traja negros vestidos — é lucto pelos seus e pela patria. Vêde como pára diante daquelle retrato grande: é um guerreiro que contempla, é seu valente marido, cuja protecção parece invocar. O espirito dos fortes está comvosco, nobre senhora; não tendes que receiar de vós. Certo é que sois mãi, mas sois como aquellas mãis spartiatas, que junto com o osculo materno diziam a seus filhos: — «ide, combatei e morrei pela patria!» Vêde como ajoelha aos pés da muda figura do guerreiro que parece sorrir de vê-la assim tão acima do seu sexo, e tão digna de o estar. Vêde como olha para o céu e lhe dirige a mais pura e fervorosa oração que jámais sahiu de labios e coração femininos. Vêde como se ergue placida e serena, e como fita na porta os olhos desvelados.

A porta abre-se. Dois mancebos na primeira flôr da juventude, botões ainda mal abertos, formosos como cherubins ou como sua mãi, apenas sahidos do somno da innocencia, unidos e abraçados entraram e vieram pedir a benção materna. Sorria ella de os ver tão perfeitos, mas uma lagrima, não sabemos se de magua se d'orgulho, veio orvalhar-lhe o sorriso.

— «Deus vos abençoe, filhos — disse abraçando-os e beijando-os com muito carinho. — Deus vos faça homens. —

— «E não o somos nós já, minha mãi — respondeu o mais velho com tal altiveza que de novo fez florescer o riso na boca d'aquella mãi exemplar. — Quem nos virá hoje dizer que somos ainda creanças! —

— «Ninguem por certo, meu Roldão, ninguem, sobre tudo se na presença dos castelhanos tomares essa fera postura que te dá pareçenças com um paladino de fama ou cavalleiro da Terra Santa.

— «Com esses não, minha mãi, não com esses que nem escudeiro sou — replicou tristemente o desconsolado moço como envergonhado de tal. —

O mancebo dobrou a cabeça como um lyrio acurvado pela tempestade, mas seu irmão que estava ao lado, esse postoque não respondesse pelo respeito devido a sua mãi e a seu irmão mais velho, que assim praticavam, lançando os olhos em roda da casa cravou-os com affinco em duas espadas que alli estavam postas sobre uma mesa: — fez-se um momento de solemne silencio.

D. Filippa ergueu os olhos ao céu como para lhe pedir auxilio no que ía fazer, depois sem duvida nem hesitação, foi-se áquella mesa e tomando as espadas veio com ellas para junto de seus filhos.

— «Os filhos do conde de Attouguia — disse ella mostrando-lh'as, ao passo que os olhos dos dois moços lampejavam como se reflectissem o aço puro das laminas, — os filhos do conde d'Attouguia não hãode envergonhar os seus socios nesta empreza. Heisde tambem ser cavalleiros, filhos — heisde sê-lo, e espero que honrareis a mão que taes vos fará. Os perigos deste dia desculpam muito, mas tambem é preciso que as acções que obrardes vos confirmem na dignidade que ides receber.»

— «E hãode confirmar-nos, minha mãi: respondeu o mais velho com tal gesto, tal voz, e tal ademan que toda a alma se lhe espalhava pelo rosto. —

— «Mandar-vos-hemos bastantes castelhanos, senhora — acudiu timidamente o segundo — para vos contarem o que fizemos. —

— »Mandai-os antes para a sua Castella = repli-

cou a heroina — e que nunca mais nos ponham elles os pés em terra portugueza. —

— « Não provaremos o braço — tornou o primeiro — justando em presença das damas nem em cortesãos combates de torneios, como aquelles antigos campeadores de que nos contaes tantas historias. Esta lide será mais brava, e estes inimigos mais descomedidos. Faremos ainda melhor e mais glorioso noviciado do que todos elles. —

— « E mais proveitoso — atalhou o segundo. — Tambem combatemos em presença d'uma dama; perante ella e por ella sahimos a estrear-nos na liça. — Esta dama é a patria — a nossa patria que tanto espera de nós. Tambem justâmos em torneio, mas o nosso adversario não é um homem, é todo um reino. Avante pois, meu irmão, que a dama e o campeão nos achem dignos delles. »

Ambos os moços tinham fallado tão vehementes e energicos, tão do coração, ambos tinham mostrado tamanha firmeza, tamanho valor e discurso tão acima do commum e dos seus annos que a feliz mãi sentiu lá no intimo de sua alma o quer que foi de beatifica felicidade que lhe fez correr em fio pelas faces duas torrentes de lagrimas, daquellas que raras vezes se encontram na vida. — Estendeu os braços a seus filhos, e por momentos não seria facil distingui-los uns dos outros no apêrto daquelle abraço.

— « Ajoelhai-vos, D. Jeronymo d'Attaide, e vós D. Francisco Coutinho, ajoelhai-vos tambem — clamou D. Filippa com movimentos de inspirada. Os dois moços obedeceram promptamente. —

D. FILIPPA DE VILHENA ARMANDO CAVALLEIROS SEUS FILHOS.

— « É uma pobre mulher — continuou ella — e uma mulher fraca e sem apoio que hoje vai conferir-vos a santa ordem da cavallaria.... Porem não .... não sou eu, não é esta fragil mãi que vos fará o que ides ser... É a mesma patria que vos chama, é esta espada de vosso pai, provada nas guerras — e provada pela lealdade do braço que a meneou: » — tinha a espada de seu marido empunhada, e brandia-a com enthusiasmo.

— « D. Jeronymo d'Attaide, e vós D. Francisco Coutinho — proseguiu — em nome de Deus Padre, em nome do Filho, e do Espirito Santo.... e em nome do vosso rei e da vossa patria, eu vos faço a ambos cavalleiros.... Erguei-vos agora, cavalleiros de D. João 4.° — D. Jeronymo e D. Francisco meus filhos, erguei-vos e ide-me ganhar o throno para elrei e a liberdade para a patria. »

Não tentaremos dar idéa dos transportes dos dois valentes irmãos, nem dos extremos de sua mãi. São cousas que podem muito sentir-se, mas pouco descrever-se.

Feitos assim cavalleiros os dois filhos de D. Filippa de Vilhena, foram por ella mesma armados e preparados. Foi ella que lhes vestiu a couraça polida, foram aquellas mãos maternas que lhes calçaram as esporas e lhes ajustaram os cintos, foi ella tambem que lhes cingiu as charpas, bordadas por seus dedos em compridas noites de lagrimas e de esperanças. Cahiam oito e meia, quando vendo-os dispostos e promptos, a heroina tomando a espada de seu marido a entregou a D. Jeronymo, o mais velho dos filhos, dizendo-lhe com voz firme:

— « São horas — parti. Trazei-m'a livre, ou nunca mais volteis. »

Os dois mancebos quizeram arrojar-se a seus braços, mas ella, indicando-lhe a porta, disse-lhe por signaes que sahissem: obedeceram, e a pobre mãi ficou-se a vê-los de pé no meio da sala, immovel e callada.

Mal elles porem tinham sahido, a suffocada senhora cahiu de joelhos com inexplicavel angustia. Os soluços, longamente refreados, retumbaram como uma tormenta.

— «Salvai-os, protegei-os, meu Deus e Senhor»! Bradou ella em ancia maternal, batendo com a face no pó do pavimento.

Heroina já ella fôra — mãi era-o agora!

. . . . . .

Áquella mesma hora outra mãi fazia o mesmo. Chamava-se a mãi — D. Marianna de Lencastre — chamavam-se os filhos, Fernão Telles, e Antonio Telles da Silva.

Exemplos não nos faltam!

[Concluirá.]

BARÕES, CAVALLEIROS, E BURGUEZES NO SECULO 13.º

RAYMUNDO Lullo, um dos mais afamados philosophos da idade media, nos deixou, por certo sem o pensar, uma curiosa noticia do que eram no seu tempo os barões, os cavalleiros, e os burguezes. — Nasceu aquelle philosopho na ilha de Malhorca em 1231, e morreu em 1315. Professou todas as sciencias, então cultivadas, com tanto esplendor, que mereceu o antonomastico appellido de *doutor illuminado*; e alem disso os seus continuos trabalhos na conversão dos infieis, até padecer pela fé e ás mãos delles, morte violenta, lhe abriram logar no catalogo dos martyres, e dos santos. — Uma das suas quinhentas e tantas obras [entre grandes e pequenas] tem por titulo *Arvore da Sciencia [arbor scientiæ]*; póde passar por uma encyclopedia abreviada, e foi composta em Roma no anno de 1296. Sahiu impressa [julgâmos que pela primeira vez] em Leão de França em 1515; e nella a folhas *lx* se acha o passo, de que fallamos; e é o seguinte trasladado, como é possivel, do barbaro latim, usado pelo auctor.

Barões. — Os barões, em cujo numero se comprehendem os condes, duques, marquezes, e viscondes, são convenientes ao principe para o ajudarem a reinar, e a possuir a sua nobreza; porque na nobreza dos barões se conserva a nobreza do principe. Por isso mal fazem aquelles principes, que são contrarios á nobreza de seus barões, porque destruindo a nobreza delles, destruem a sua propria: e maior signal de nobreza é para um principe o ter abaixo de si barões, do que não os ter. — São alem disso os barões necessarios ao principe na guerra, para poder ter muitas bandeiras, acompanhadas de muitos homens bem corregidos, e cada uma destas bandeiras subordinadas á bandeira maior do principe. Porque se não houvera barões, fôra escusado haver na guerra mais de uma bandeira, e teria o principe de prover ao corregimento e governo assim dos seus soldados, como do seu povo; o que não poderia deixar de ser grande confusão, porque o saber do principe não seria bastante para prover a tantos particulares do governo; e se poria assim em risco de perder na guerra a sua conveniencia, e a sua honra. — Mas assim como os barões são necessarios ao principe, assim tambem o principe é necessario aos barões, para os ajudar, e defender em suas necessidades. Dest'arte qualquer barão, soccorrido pelo seu principe, se acha assás forte para resistir contra outro barão, que pertenda fazer-lhe injuria. Por tanto, mal fazem aquelles barões, que são contrarios a seu principe, e que delle requerem privilegios e liberdades, porque tenham poder e honra contra o poder e honra do principe. E aqui se conhece quanto, para conservar a harmonia da unidade e da pluralidade, seria conveniente o haver um só imperador no mundo acima de muitos reis e principes, da mesma sorte que ha um só papa acima de muitos prelados. Mas como o imperador não está naquelle poder, que sohia ter, quando reinavam os imperadores romanos; por isso chegámos a esta igualdade, que hoje ha entre principes e principes, e entre cidades e cidades; e se acha o imperio dividido em muitas partes, e em muitas communidades de cidades. E dahi veem as guerras e trabalhos ao mundo, e não haver nelle um poder que ajude a moderar os trabalhos, causados pelas guerras e pelos máus homens. E tudo isto porque são tidos em mais estimação os interesses particulares do que os publicos.

Cavalleiros. — Os cavalleiros são necessarios ao governo do principe: porque os que teem cavallos gozam da prerogativa de serem mais fortes do que os outros, que os não teem; e a elles se devem maiores honras, que de tempos antigos andam annexas á cavallaria. Pelo que quanto mais poder e honra teem os cavalleiros, tanto mais convenientes e idoneos são para o governo do principe, e mais custosamente praticarão vilanias, e acções illicitas. E como a honra naturalmente põe os homens mais acima, e o interesse os põe mais abaixo, em quanto á moralidade; por isso está a honra graduada de forma que melhor assenta nos cavalleiros que nos burguezes; nos burguezes que nos mercadores; e nos mercadores que no povo, entre o qual não ha gráu superior nem inferior; porque em rasão das artes mechanicas todos são igualmente necessarios aos castellos, ás villas, e ás cidades. — Por tanto mal faz aquelle principe, que não guarda a antiga honra da cavallaria, fazendo cavalleiros a alguns que disso não são dignos; e outro sim mal fazem os cavalleiros, que com suas acções deslustram a cavallaria.

Burguezes. — Os burguezes são homens, que devem reger as cidades, e guardar ou conservar os privilegios dellas. E assim se devem desculpar por não terem outras occupações, e não serem cavalleiros, nem mercadores, nem usarem de artes mechanicas. São pois necessarios ao principe como guardadores dos costumes das cidades, e servem para o bom regimento dos mechanicos. E por isso se lhes deve alguma honra, que aos mercadores é denegada; e por estas honras devem ter cavallos, e ser ricos em tal proporção, que possam viver de suas rendas, e sustentar o seu logar.

J. H. da Cunha Rivara.

A ALDEA DOS JOGADORES DO XADREZ.

A BREVE distancia de Halberstadt (*) ha uma pequena povoação, retiro aprasivel, a que chamam Stroebeck: pelos fins do seculo decimo-quinto um ecclesiastico, que occupava uma das principaes dignidades na sé de Halberstadt foi mandado cumprir temporario degredo nesta aldêa: o povo da ter-

(*) Formosa cidade da Saxonia.

ra tão bem o tratou que o padre não sabia como lhe agradecesse; e porque provavelmente, alem do breviario, não tinha outro encargo, nem era homem para outras distracções, lembrou-se de ensinar aquella gente hospitaleira e pacifica a jogar o xadrez. Cessando as causas da perseguição, melhorou na jerarchia passando a bispo da diocese de Halberstadt; mas teve a rara virtude de se não esquecer da aldêa de Stroebeck quando lhe soprou a prosperidade: alem de outros beneficios, fundou nella uma eschola para a mocidade, mas com a singular clausula de que os mestres fossem obrigados a ensinar o nobre jogo do xadrez, estabelecendo premios annuaes para os que melhor soubessem jogalo; consistiam estas recompensas em taboleiros do xadrez com todas as figuras completas. Tinha o bispo, ao que dizia, um fim moral neste seu empenho, e era evitar que os camponezes se dedicassem aos jogos de parar e a outros igualmente viciosos e causadores de turbulencias. Esta historia é em tudo singular, pois que as intenções do prelado, depois de ludibriadas por algum tempo, vieram emfim a realisar-se depois do curioso incidente, que passâmos a narrar: caso maravilhoso e por isso digno de commemoração tanto quanto pela originalidade da lembrança do bispo.

É certo que os aldeões de Stroebeck largaram todos os outros passatempos pelo jogo do xadrez: a pericia neste divertimento converteu-se para elles n'uma especie de sciencia, mas com a extraordinaria propriedade de ser hereditaria; os velhos legavam á sua prole o paternal taboleiro do jogo valído, como um pergaminho de nobreza: creou-se entre as familias certa emulação, porem moderada, de sobrepujarem umas ás outras em jogar com preceito, rapidez, e profundas combinações. — Espalhou-se a fama de Stroebeck pela Alemanha; de toda a parte acudiram contendores que pela maior parte sahiram vencidos; todavia esta concorreneia veio a ser damnosa, porque introduziu a terrivel pratica, até então desconhecida, de jogar a dinheiro. Um estrangeiro, Silberschimidt lhes deu uma boa lição: cobriu as paradas de fortes quantias propostas em certo numero de jogos, e venceu o campião eleito, o Achilles da aldêa no xadrez: a gente de Stroebeck de boamente concordava em lhe pagar a importancia ganha, que era pesada, mas de nenhum modo queria sujeitar-se a outra satisfação que o vencedor exigia, o passar-lhe certificado de como tinham sido desbaratados no jogo, que era o ápice da sua sciencia: «levai o nosso dinheiro [lhe diziam] mas deixai-nos a nossa gloria.» — Honrado povo de Stroebeck [tornou Silberschimidt] a moeda que vos ganhei cedo em pró de vossos necessitados e das vossas escholas; mas só debaixo da condição que jurareis não jogar a dinheiro d'ora em diante: o nobre jogo do xadrez, justamente denominado real, tem em si o gozo e o interesse: o ganho de um jogo singelo é um thesouro de satisfação para o nosso amor proprio.» Toda a aldêa acceitou e jurou; fizeram termo por escripto que entregaram a Silberschimidt, distribuiram o dinheiro como elle dispozera; e de então para cá não jogam o xadrez senão pelo brio de ganhar a partida.

Argolas e brincos das orelhas. — A moda de trazer argolas pendentes das orelhas remonta-se a grandissima antiguidade; parece que foi commummente usada por homens e mulheres, posto que ao presente pareça ridicula nos homens em alguns paizes, como o nosso reino e o de Inglaterra, onde é adorno privativo do sexo feminino: ésta pratica veio do oriente, e parece provavel que os judeus a tomaram dos povos pagãos, entre os quaes se estabeleceram na promettida terra de Canaan. Ha tambem rasões que movem a crer que este ornamento tinha connexão com as superstições da idolatria: o patriarcha Jacob, na ordem que deu a seus familiares, mandou deitar fóra — os deuses estrangeiros que tinham em seu poder, e todas as argolas que traziam nas orelhas: o propheta Oseas falla das mulheres de Jerusalem, que se compraziam em usar a futilidade de brincos nas orelhas, sendo elles dedicados a falsas divindades. — As matronas da antiga Roma traziam argolinhas de perolas e pedras preciosas de muito valor, ás vezes tres e quatro em cada orelha. Nos mouros africanos é notavel este enfeite. — Muitas figuras de numes gentilicos se acharam com argolas, ou buraquinhos para ellas nas orelhas.

LEMBRANÇA SOBRE LIMPEZA DA CIDADE E IMMEDIAÇÕES.

As CAMARAS municipaes são as corporações ás quaes primeiro incumbe toda a qualidade de economias publicas, e principalmente as que servem á saude do povo, á civilisação, e ao aperfeiçoamento dos costumes deste. Os povos perpetuam seus maus costumes, habitos pouco favoraveis, e até perniciosos á saude, quando as administrações de policia e de civilisação são incertas, imprevidentes, e insensiveis ás ruins tendencias para a barbaria, miseria, e absolutismo de antigos tempos, em que não se governava mais do que para interesse de poucos.

As mudanças de costumes são lentas nas nações, porque são grandes massas, que necessitam ser penetradas até o centro. Parte desta grande e custosa tarefa pertence ás camaras e principaes administradores. Nós diremos ás camaras com o mestre da economia politica J. B. Say: que ha de mais importante para os homens do que os mesmos homens?

Os costumes polidos d'um povo, os melhoramentos em sua saude, limpeza e civilisação, não dão mostras de progredir, em quanto as camaras e administradores consentirem que se perpetue o desleixo de conservar as ruas immundas, entulhos espalhados em largos e logares muito frequentados. Sabemos que em Lisboa e em grandes cidades ha difficuldades e despezas para fazer encanamentos e arranjar despejos que tornem limpa toda a cidade. Comtudo vamos indicar á camara de Lisboa os logares em que é facil tornar a cidade mais aceada do que os limpos bairros de Londres e París.

Não pensem os illustrados membros da camara de Lisboa, que é uma mera curiosidade, ou alguma ambição, quem nos instiga a indicar-lhe melhoramentos, é sómente o desejo de que desappareçam, principalmente na capital, factos e provas plenas de nosso atrazamento, pouca educação e desleixo. Temos instado, e não nos cançaremos de pedir, que se façam ruas macadamisadas nos logares que indicarmos, e que se adoptem medidas que tornem a cidade limpa e aceada tambem em logares que indicarmos; porque o macadamisado é muito mais barato, commodo e duradouro que as calçadas de pedra grossa; e porque a limpeza e aceio, que se deve fazer nas margens do Tejo, assim na capital

como na margem opposta é d'insignificante dispendio, principalmente para uma camara que gasta em cada anno cem contos de réis: em muitos logares nem despeza alguma a camara terá a fazer, obrigando sómente com posturas e condemnações, a que fiquem sugeitos todos os que lançarem despejos nas ruas depois que a camara designar os logares em que estes se devem fazer. Causa na verdade indignação desembarcar na famosa e bella praça de Belem, e quando se endireita pelo caes até a cadêa, vêr a duas braças de mar, e em frente de boas casas, tudo cheio do que ha de mais nojento e immundo. São estes, entre outros, os factos porque nos podem ainda alcunhar de desleixados e pouco limpos! E que diremos do logar de Pedrouços, junto á entrada da quinta do Duque, onde passeia toda a gente mais aceada e taful de Lisboa? É indesculpavel a incuria de permittir que se lancem na rua todos os despejos em sitio tão frequentado, em que uma senhora com excellente vestido, meias e çapatos de seda, é obrigada, sem remedio, a passar por sitios, de que se desvia incommodado o mais asqueroso mendigo!! Não póde a camara desculpar-se nem os moradores de continuar esta indecencia que até damna a saude, porque ha, adjacentes á grande rua de Pedrouços, praias a que não chega a agua, onde se podem fazer depositos, para depois se extrahirem, como se faz na Foz do Porto: ha pela parte do norte terras, só productoras de cereaes, que estão devolutas a maior parte do anno, e annos inteiros; que lhes seria muito conveniente receber todos os despejos, não só das casas que lhes ficam ao norte, mas de quaesquer outras, o que muito augmentaria a sua producção. Mas o que mais incita, e dá idéa d'um desmazelo proprio de pretos da costa d'Africa, é a tolerancia de deixar lançar despejos em frente de casas grandes, que possuem quintas com terrenos a que são necessarios estrumes, que se compram caros. Se a gente que mora nestas casas e quintas não tem idéa de seus interesses e do publico, é forçoso que as camaras lhes mandem fazer intimações para não despejarem á rua, e impor-se-lhes condemnações fortes, se desobedecerem.

A camara deve obrigar os directores da casa pia de Belem para que façam reservatorios e despejem na quinta os despejos que pelos encanamentos vão desaguar ao mar, a fim de evitar o cheiro incommodo que ha constantemente na frente daquelle grande estabelecimento, cujo cheiro combinado com o da maré deve damnificar a saude dos orphãos, e torna incommoda a passagem por aquelle sitio, que é um dos mais bellos e frequentados. Nenhuma rasão em contrario se póde dar, porque as hortas e grandes terras de pão tem necessidade de ser estrumadas, não só com os desaguadouros do estabelecimento. mas com muitos outros estrumes que lhe hãode vir de fóra. As freiras do Bom Successo, o marquez de Loulé, a condeça da Ribeira, os procuradores do duque de Cadaval devem ser convencidos de que as suas terras ao norte da estrada serão muito fertilisadas, e lhes darão mais rendimento, se consentirem que os moradores contiguos a ellas façam encanamentos, desaguadouros e covas de despejo nas extremidades das propriedades. É necessario que a camara lhes diga, que um desaguadouro que se lança em uma cova junto á parede nenhum terreno inutiliza; porque o logar do despejo junto ao muro é sombrio, e nunca cria producção alguma de valor, por falta de sol; e pelo contrario é um manancial constante e barato para as terras que não produzem estrumes. Se os moradores ao norte da rua de Pedrouços e Bom Successo não tem desculpa de conservar as testadas de suas casas immundas, muito menos se devem desculpar os do sul da mesma estrada, porque possuem quintaes, grandes hortas em que até não ha casas, logares não frequentados e baldios junto das praias, em que se podem fazer despejos e desaguadouros, ou por convenção com os proprietarios, ou por qualquer das maneiras que mais opportunas julgarem. Se porem os membros da camara por motivos d'incommodos, e outros trabalhos de que estão occupados, não podem empregar-se nisto, devem formar commissões de cidadãos philantropicos e conspicuos, pois que muitos ha, para promoverem e levarem ao fim estes melhoramentos de absoluta e indispensavel necessidade, e que nos devem ir desfazendo o ferrete de inertes e desleixados. Em fim a camara de Lisboa deve mostrar-se como modelo de todas as do reino, não consentindo que continuem faltas e descuidos desta natureza, que hoje não se toleram nas pobres villas d'Ovar, Ilhavo, e outras mais de pescadores do distrtricto de Aveiro, que em suas ruas tem mais aceio do que os cidadãos da grande capital!!!!

C. X. P. B.

Artes.

Processo galvanico para copiar medalhas.

No n.° 6 do 1.° volume da 2.ª serie do Panorama, tratou-se de um novo methodo de dourar metaes pelo galvanismo: por um processo analogo se podem perfeitamente reproduzir de cada vez uma das faces de qualquer moeda ou medalha, e generalisar rapidamente o conhecimento d'um dos elementos importantes do estudo da historia.

Tome-se uma moeda qualquer, e lacre-se a face opposta áquella de que se quer ter a figura original a uma das extremidades de um arame de cobre de palmo e meio de comprido, ficando em contacto a moeda e o cobre, cubra-se de cera derretida toda esta face que fica em contacto com o arame e a circumferencia da serrilha, bem como 2 pollegadas do arame, que pouco mais ou menos se tem de mergulhar n'uma solução de sulfato de cobre, que se deve deitar em um vaso de vidro de boca larga; recurve-se o arame em forma de siphão, e faça-se entrar a outra extremidade no orificio de uma chapinha de zinco dobrada em forma cilindrica. Tome-se uma vasilha de barro, não vidrado, que tenha alguns orificios, imitando, por exemplo, um pequeno assador de castanhas, e introduza-se dentro de um saco feito de bexiga de boi, deite-se-lhe dentro agua acidulada com algumas gôtas de acido sulfurico, e mergulhe-se a bexiga no vaso que contem o sulfato de cobre, sem que toque no fundo: estabelecida assim a bateria voltaica, desenvolve-se o gaz hydrogenio, este gaz reduz o cobre ao estado metallico, e no fim de 3 dias fica a medalha ou moeda coberta de uma camada de cobre, que facilmente se despega, e onde apparece a figura do original impresso ás avessas, e da qual depois se vão tirando fac-similes similhantes ao modelo primitivo. — O vaso exterior pode ser um purificador de vidro.

Tenho por este meio tirado copia de muitas medalhas e moedas, com mui feliz resultado.

A. Pedro d'Asevedo.